A AUTOBIOGRAFIA DE

George Müller





Sumário

Prefácio, 7
Prefácio da edição em Inglês

1. Um improvável pregador
2. O retorno do pródigo
3. Começando a carreira no ministério
4. Pregação, estudo e crescimento
5. Aprendendo a viver pela fé
6. Começando o ministério em Bristol
7. A Instituição para o Conhecimento Bíblico
8. Provando a fidelidade de Deus
9. O ministério se expande
10. Perseverança na provação
11. Confiando no Senhor em toda necessidade
12. Pedindo e recebendo
13. Olhando para o Senhor
14. Fé fortalecida pelo exercício
15. Oração diária e respostas pontuais
16. Alimento para aumentar a fé

17. Um tempo de prosperidade

Prefácio

As preciosas respostas que George Müller recebeu às suas orações são bem conhecidas. Entretanto, são como a ponta de um iceberg, a porção visível do ainda mais precioso trabalho de Deus na vida deste cristão do século XIX. Muitos conhecem os relatos dos livramentos que ele recebeu na hora exata, simplesmente através da oração. Porém, nem tantos conhecem a vida por trás destas experiências.

Deus o chamou ainda jovem e fez dele um exemplo do que Ele pode realizar através de uma vida consagrada à glória de Cristo. Através dos anos e circunstâncias Deus foi moldando o caráter de George Müller. Ele aprendeu que para o Pai não há diferença em suprir grandes ou pequenas necessidades. No início da obra em sua vida, ele foi ensinado a depender da provisão divina para suas necessidades diárias, literalmente para o pão de cada dia. Na maturidade do seu ministério, ele recebia quantias suficientes para sustentar uma obra tão ampla e variada que incluía o cuidado de centenas de órfãos, distribuição das Escrituras, evangelismo, sustento de missionários e muito mais. Tudo isso somente em resposta às suas orações.

George Müller não buscava glória ou benefício pessoal. O alvo de sua vida era glorificar o nome do Senhor Jesus e abençoar Sua Igreja. Tal caráter foi construído pelo amor e obediência à Palavra de Deus. Ele aprendeu a manter-se como peregrino neste mundo. Não acumulou tesouros na terra e a ninguém devia coisa alguma.

Na condução dos negócios de Deus, ele não passava de um mordomo. Nada fazia antes de estar totalmente seguro de que o Pai o estava levando naquela direção. Antes de iniciar um novo projeto, George Müller consultava a Deus em oração, e nela perseverava até ver os planos divinos concretizados. Não raras vezes, a espera se estendeu paciente e confiantemente por alguns anos. Ele estava disposto a ir até as últimas conseqüências em sua dependência do Senhor: se Deus não o livrasse, ele pereceria.

Esta boa obra de Deus na vida de George Müller precisa ser conhecida, tanto quanto suas experiências de livramento "sobrenatural", pois é a mesma obra que o Pai realiza em cada um de seus filhos, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo. Efésios 4:13. Nossa oração é que todos os que lerem este livro sejam encorajados a buscar em Deus a vida que traz a confiança de sermos atendidos em nossas orações: e aquilo que lhe pedimos, dele recebemos, porque guardamos os seus mandamentos, e fazemos diante dele o que lhe é agradável. 1 João 3:22.

A tradução deste livro foi um trabalho realizado ao longo de quase sete anos. Iniciado em 1993, sofreu várias e longas interrupções até sua conclusão no ano 2000.

Em todo o trabalho houve um esforço para manter a tradução o mais fiel possível ao original e contexto da época.

Os valores monetários foram mantidos exatamente como no original, sem nenhuma correção. O esforço de atualização logo estaria perdido com as subseqüentes variações cambiais e inflacionárias. Além disso, a correção é totalmente dispensável à luz do próprio texto, pois são freqüentes as correlações entre as necessidades supridas e as quantias mencionadas.

Agradeço ao Pai o privilégio de ter sido usado para a realização desta tradução: nisto fui muito abençoado, pois tive que ler o original diversas vezes. O Senhor usou minha esposa e filhas para me incentivarem a finalizar a obra. Dou graças a Deus por elas.

Ao Senhor Jesus toda a glória!

Vilmar S. do Vale

Prefácio da edição em inglês

Qual o significado da oração da fé? Qual é a importância das passagens no Velho e no Novo Testamento que a ela se referem? Seriam estas promessas limitadas aos tempos bíblicos ou teriam sido deixadas a nós como uma herança até que Jesus volte?

Estas questões atraem muita atenção dos crentes. O cristão interessado que lê qualquer destas maravilhosas promessas nas Escrituras freqüentemente pára e pergunta a si mesmo: "O que podem significar estas palavras? Poderia Deus ter feito estas promessas a mim? Tenho realmente permissão para lançar todas as minhas pequenas preocupações sobre um Deus de infinita sabedoria, crendo que Ele as tomará sob seus cuidados e as direcionará de acordo com seu amor ilimitado e absoluta onisciência? Se isto é verdade, então por que não deveria eu me achegar a Deus em plena confiança de que Ele fará o que disse?"

Um notável exemplo da eficácia da oração está registrado neste livro. Um jovem cristão alemão chamado George Müller respondeu ao chamado do Senhor para ajudar as cri-anças pobres de Bristol na Inglaterra. Ele pregou o evangelho a um pequeno grupo de crentes os quais, por sua própria sugestão, não lhe pagavam salário. Seu único sustento eram as ofertas voluntárias dos seus irmãos. Em resposta à oração, os fundos eram recebidos quando necessários.

Alguns anos depois, Deus o chamou para estabelecer uma casa para o cuidado e a educação de órfãos. Ele foi levado

a este trabalho, não somente por motivos de benevolência, mas por um desejo de convencer os homens de que Deus responde às orações.

Quando iniciou este trabalho, o senhor Müller contava apenas com a ajuda de Deus. É claro que ele não esperava que Deus criasse ouro e prata e os pusesse em suas mãos. Ele sabia que Deus poderia inclinar os corações dos homens a ajudá-lo, e ele cria que se o trabalho era Dele, toda neces-sidade seria atendida. Então, com a simplicidade de uma criança, olhou para Deus, e tudo lhe foi provido tão pontualmente como se ele fosse um milionário a sacar regularmente de sua conta bancária.

George Müller era um homem magro, com 1,80m de altura sobre suas botas. Seus olhos castanhos escuros brilhavam com uma expressão benevolente enquanto falava. Ele vestia preto, exceto por uma gravata branca fixada pela frente por um prendedor simples. Seu cabelo negro era espesso e cuidadosamente penteado. Fosse no púlpito ou na rua, sua inteira aparência era um perfeito modelo de asseio e ordem.

Ele dominava seis línguas: latim, grego, hebraico, alemão, francês e inglês. Ele lia e entendia holandês e duas ou três línguas orientais. Sua biblioteca consistia de uma Bíblia hebraica, três Novos Testamentos em grego, uma concordância bíblica e léxico grego, uma meia dúzia de versões diferentes da Bíblia e cópias das melhores traduções em várias línguas. Isto constituía toda a sua biblioteca.

Quando ele pregava, podia ler um capítulo completo ou apenas uma parte dele; e então prosseguia retirando do texto ricos tesouros, dignos de todo o esforço para ouvi-lo. Seu método de pregação levou os membros de sua congregação a se tornarem profundos conhecedores das Escrituras. Eles eram melhor qualificados para guiar almas indagadoras a Cristo do

que muitos jovens ministros que tinham gasto três anos em um seminário teológico.

A maioria dos homens poderia considerar um ministério tão extenso como o dele uma desculpa razoável para reduzir seu tempo de oração e estudo. Não o senhor Müller. No seu quarto de oração, a sós com Deus e a Bíblia, ele cingia os lombos do seu entendimento e polia sua armadura para as batalhas do dia. Com confiança absoluta e simplicidade de uma criança, ele cria em cada palavra dita por Deus. Ele se voltava para a palavra de Deus com fervoroso interesse várias vezes a cada dia como se estivesse em constante comunicação com o céu, recebendo cartas frescas de instrução e promessas preciosas de seu Pai celestial.

Müller nunca estudava a Bíblia para os outros. Ele estudava somente para si mesmo, para descobrir o que seu Pai requeria dele. Ele ficou tão impregnado com a verdade de Deus que, quando falava do Pai, seus ouvintes podiam lembrar as palavras de nosso Salvador em João 7:38, porque dele pareciam fluir rios de água viva.

Suas orações eram oferecidas em linguagem simples e com um espírito humilde e fervoroso. Porque ele sabia ser seu Pai tão rico, benevolente e pronto a perdoar, ele estava livre para pedir e obter grandes bênçãos. Mas a característica mais marcante de sua oração era que ele pedia tudo no nome do Senhor Jesus Cristo. Glorificar a Cristo e magnificar o Seu nome acima de todo nome parecia ser o entranhável tema que enchia seu coração e sua vida.

A quantidade de trabalho que o senhor Müller executou nos surpreende hoje. A quase infinita variedade seria mais do que a maioria dos demais homens poderia suportar. Mesmo assim, ele estava sempre calmo, em paz, e com a mente em estado de oração, lançando todos os seus cuidados sobre o Senhor.

A maior esperança de George Müller era que, através do registro da fidelidade de Deus para consigo, encorajaria os crentes a desenvolver fé como a sua própria — a fé sem a qual é impossível agradar a Deus; a fé que trabalha pelo amor e purifica o coração; a fé que remove montanhas de obstáculos do nosso caminho; a fé que se agarra à força de Deus e que é a substância das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem. Possa esta fé encher os corações e vidas daqueles que lerem este livro.

Capítulo Um

Um improvável pregador

Nasci em Kroppenstaedt, no reino da Prússia, em 27 de setembro de 1805. Meu pai, um coletor de impostos, educou seus filhos com princípios mundanos, e meu irmão e eu deslizamos facilmente para muitos pecados. Antes dos dez anos, eu havia repetidas vezes roubado dinheiro do governo confiado a meu pai, forçando-o a repor as perdas.

Aos onze anos meu pai me enviou a Halberstadt para me preparar para os estudos em uma universidade. Ele queria que me tornasse um clérigo — não para que servisse a Deus, mas para que eu tivesse uma vida confortável. Estudar, ler romances e envolver-me em práticas pecaminosas eram meus passatempos favoritos.

Minha mãe morreu repentinamente quando eu tinha 14 anos. Naquela noite, joguei cartas até as duas da madrugada, e fui a uma taberna no dia seguinte. Sua morte não produziu nenhuma impressão duradoura em mim. Ao contrário, cresci pior.

Três dias antes de ser confirmado e comungar, eu era culpado de grave imoralidade. No dia anterior à minha confirmação, menti ao clérigo ao invés de confessar meus pecados. Neste estado de coração, sem oração, sem o verdadeiro arrependimento, fé ou conhecimento do plano de salvação, fui confirmado e tomei parte na ceia do Senhor. Como eu tinha algum sentimento da solenidade da ocasião, fiquei em casa durante a tarde e a noite.

Naquele verão, passei algum tempo estudando, mas um tempo maior tocando piano e violão, lendo romances, freqüentando tabernas, tomando resoluções de ser diferente e quebrando-as quase tão rapidamente quanto as tomava. Fiquei feliz quando meu pai conseguiu-me uma entrevista na escola de Magdeburg, pois pensava que ao deixar meus companheiros pecadores, poderia viver uma vida diferente. Mas tornei-me ainda mais inútil e continuei a viver em toda sorte de pecado.

Em novembro parti numa agradável viagem onde passei seis dias em pecados. Meu pai descobriu minha ausência antes que eu retornasse, então tomei todo o dinheiro que pude achar e parti para Brunswick. Após uma semana em Brunswick, em um dispendioso hotel, meu dinheiro acabou. Fui então, sem dinheiro, para outro hotel onde passei uma semana. Ao final, o proprietário do hotel, suspeitando que eu não tinha dinheiro, pediu-me para pagá-lo e tomou minhas melhores roupas como garantia.

Caminhei aproximadamente seis milhas até uma estalagem e comecei a viver como se tivesse muito dinheiro. Na terceira manhã, saí silenciosamente pelo quintal e fugi. Por este tempo o estalajadeiro suspeitou e mandou que me prendessem. A polícia me interrogou por aproximadamente três horas e me pôs numa cela. Aos 16 anos eu me tornara um detento de uma prisão, vivendo com ladrões e assassinos.

Após um ano, o comissário que tratara do meu caso contou ao meu pai minha conduta. Fui mantido na prisão até que ele enviou o dinheiro para minhas despesas de viagem, meu débito com a estalagem, e minha estada na prisão. Meu pai chegou dois dias depois, surrou-me severamente, e me levou para casa em Shoenebeck. Através de mais mentira e persuasão, convenci meu pai a me deixar entrar na escola em Nordhausen no outono seguinte.

Vivi na casa do diretor em Nordhausen. Através de minha conduta, cresci muito no seu conceito. Ele me tinha tal estima que me apontava como um exemplo para o resto da classe. Mas enquanto eu exteriormente ganhava a estima de meus companheiros, eu não me importava o mínimo a respeito de Deus. Como resultado de meu estilo de vida pecaminoso, fiquei doente e estive confinado em meu quarto por 13 semanas.

Durante minha doença não senti nenhum remorso real nem me importei com a Palavra de Deus. Eu possuía mais de trezentos livros, mas nenhuma Bíblia. De vez em quando desejava me tornar uma pessoa diferente e tentava corrigir minha conduta, particularmente quando ia à Ceia do Senhor. Na véspera de participar da comunhão, eu costumava me abster de certas coisas. No dia, eu prometia a Deus que me tornaria uma pessoa melhor, pensando que, de alguma maneira, Deus me induziria a uma reforma. Mas após um ou dois dias, eu esquecia tudo e voltava a ser tão mau quanto antes.

Aos vinte anos recebi honrosas recomendações e me tornei membro da Universidade de Halle. Recebi, inclusive, permissão para pregar na Igreja Luterana. Mas eu me sentia tão infeliz e longe de Deus como sempre.

Agora havia resolvido mudar o meu estilo de vida por duas razões: primeiramente, porque a menos que me reformasse, nenhuma paróquia me escolheria como seu pastor; e em segundo lugar, sem um conhecimento considerável de teologia, nunca obteria uma vida confortável. Mas no momento que entrei em Halle, todas as minhas resoluções desapareceram. Reassumi minha vida desregrada, embora estivesse no seminário. No fundo do meu coração, ansiava por renunciar a esta vida desgraçada. Eu não gostava dela, e tinha entendimento suficiente para ver que um dia ela me arruinaria

completamente. Ainda assim não sentia tristeza por ofender a Deus.

Um dia, numa taverna com alguns dos meus amigos desregrados, vi um dos meus velhos colegas de classe chamado Beta. Eu o conheci quatro anos antes em Halberstadt e, como fosse tão quieto e sério, eu o desprezei. Agora me parecia sábio escolhê-lo como amigo, pensando que melhores companhias me ajudariam a melhorar minha conduta.

O Espírito de Deus estava trabalhando no coração de Beta em Halberstadt, mas Beta era um inconstante. Ele tentava adiar os caminhos de Deus e desfrutar o mundo do qual conhecera um pouco anteriormente. Procurei sua amizade porque pensava que me levaria a uma vida moralmente correta, e ele alegremente se tornou meu amigo porque pensava que eu lhe proporcionaria alguns bons momentos.

Em agosto, eu, Beta e dois outros estudantes viajamos pelo país por quatro dias. Quando retornamos, meu amor por viagens era mais forte do que nunca, e sugeri que partíssemos para a Suíça. Através de cartas forjadas como sendo de nossos pais, obtivemos passaportes e conseguimos tanto dinheiro quanto nos foi possível. Deixamos a escola e viajamos por 43 dias.

Tinha alcançado o desejo do meu coração — conhecera a Suíça. Mas eu ainda estava longe de ser feliz. Nesta viagem agi como Judas. Manobrei o dinheiro de tal forma que a viagem custou-me apenas dois terços do que custou aos meus amigos. Com muitas mentiras, satisfiz às perguntas de meu pai sobre as despesas.

Durante as minhas três semanas de férias de verão, resolvi viver de modo diferente no futuro, e fui diferente — por uns poucos dias. Mas quando as férias terminaram, e novos estudantes chegaram com dinheiro novo, todas as minhas

resoluções foram logo esquecidas. Escorreguei facilmente para meus velhos hábitos. Entretanto, o Deus a quem desonrara com meu mau comportamento e espírito não arrependido não tinha desistido de mim.

Capítulo Dois

O retorno do pródigo

Apesar de meu estilo de vida pecaminoso e coração frio, Deus teve misericórdia de mim. Eu estava tão desinteressado sobre Ele quanto antes. Não tinha nenhuma Bíblia e não lia as Escrituras há anos. Raramente ia à igreja; e, apenas por costume, participava da Ceia do Senhor duas vezes por ano. Nunca tinha ouvido uma pregação do evangelho. Ninguém havia me contado que, para os cristãos, Jesus significava viver de acordo com as Sagradas Escrituras, pela ajuda de Deus. Em resumo, eu não tinha a menor idéia de que havia pessoas diferentes de mim.

Numa tarde de sábado em novembro, saí para caminhar com meu amigo Beta. Ele me contou que tinha começado a visitar a casa de um cristão todos os sábados, na qual havia uma reunião de oração. Ele disse que liam a Bíblia, cantavam, oravam e liam um sermão impresso.

Quando ouvi isto, senti como se tivesse achado o tesouro pelo qual estivera procurando toda minha vida. Fomos juntos à reunião aquela noite. Eu não entendia a alegria que os crentes têm em ver um pecador interessado nas coisas de Deus, então me desculpei por comparecer. Nunca esquecerei a gentil resposta do querido irmão. Ele disse: "Venha sempre que quiser. Nossa casa e nossos corações estão abertos para você."

Sentamos e cantamos um hino. Então o irmão Kaiser, agora um missionário na África, ajoelhou-se e rogou por uma

bênção sobre nossa reunião. Seu ajoelhar causou-me uma profunda impressão, pois eu nunca tinha visto ninguém sobre os joelhos antes, nem nunca tinha orado de joelhos. Ele leu um capítulo da Bíblia e um sermão impresso. Ao final da reunião, cantamos outro hino, e então o dono da casa orou. Enquanto ele orava, pensei: "Eu não poderia orar tão bem, embora tenha maior formação que este homem."

Toda a noite causou-me uma profunda impressão. Eu me sentia feliz, embora se me perguntassem porque, não soubesse explicar claramente. Enquanto caminhávamos para casa, disse a Beta, "Tudo que vimos em nossa viagem à Suíça e todos os prazeres anteriores, nada são comparados a esta noite."

O Senhor começa o Seu trabalho de diferentes maneiras em pessoas diferentes. Não tenho dúvidas de que, naquela noite, Ele começou um trabalho da graça em mim. Embora eu não tivesse quase nenhum conhecimento de quem Deus era na verdade, aquela noite foi o ponto de mudança em minha vida.

Por vários dias fui regularmente à casa deste irmão, e líamos as Escrituras juntos. O Senhor e a Palavra eram tão fascinantes que eu mal podia esperar o sábado chegar de novo. Agora minha vida tinha se tornado muito diferente, embora eu não tivesse desistido de todo pecado imediatamente. Desisti das minhas más companhias, de ir às tavernas, e da mentira habitual. Eu lia as Escrituras, orava freqüentemente, amava os irmãos, ia à igreja pelos motivos certos, e professava Cristo abertamente, embora meus companheiros de estudo rissem de mim.

Quando lia cartas com notícias de missionários, era inspirado a tornar-me um missionário. Orei frequentemente a respeito deste assunto por várias semanas. Uns poucos meses depois, encontrei um jovem e devotado irmão chamado Herman Ball, um homem estudado e rico. Ele escolhera trabalhar na Polônia entre os judeus como missionário ao invés

de viver confortavelmente perto de sua família. Seu exemplo causou-me uma profunda impressão. Pela primeira vez em minha vida, eu era capaz de me dar ao Senhor completamente e sem reservas.

A paz de Deus que excede todo o entendimento enchia agora a minha vida. Escrevi ao meu pai e ao meu irmão, encorajando-os a buscarem ao Senhor e contando a eles o quanto eu era feliz. Eu cria que se eles vissem o caminho da felicidade eles o abraçariam alegremente. Para minha grande surpresa, eles responderam com uma carta agressiva.

O Senhor enviou o Dr. Tholuck, um professor de divindade, a Halle. Como resultado, uns poucos estudantes de outras universidades transferiram-se para Halle. Enquanto tornava-me conhecido de outros cristãos, o Senhor fazia-me crescer Nele.

Meu desejo anterior de me entregar ao serviço missionário retornou, e fui até meu pai para pedir permissão. Sem ela, não seria admitido em nenhuma das instituições missionárias da Alemanha. Meu pai ficou muito insatisfeito e repreendeu-me severamente, dizendo que tinha gasto muito dinheiro com minha educação esperando poder gastar os seus últimos dias confortavelmente comigo numa casa paroquial. Agora, todas estas expectativas caíram por terra. Ele disse-me que não me consideraria mais seu filho. Então chorou e me implorou para que eu mudasse de idéia.

O Senhor ajudou-me a suportar esta difícil prova. Embora eu precisasse de mais dinheiro do que nunca antes, decidi nunca mais tomar qualquer quantia de meu pai. Ainda faltavam-me mais dois anos de seminário. Parecia errado permitir que meu pai me sustentasse enquanto ele não tinha nenhuma garantia de que me tornaria o que ele desejava — um clérigo desfrutando uma boa vida.

O Senhor capacitou-me a manter esta resolução. Vários senhores americanos, dos quais três eram professores em universidades americanas, chegaram a Halle para pesquisa literária. Como não entendessem alemão, o Dr. Tholuck recomendou-me para ensiná-los. Alguns destes cavalheiros eram cristãos, e pagaram tão bem pela instrução que lhes dei e pelas palestras que escrevi para eles, que tinha dinheiro suficiente para a escola e algum para economizar. O Senhor retribuiu ricamente o pouco que eu entreguei por Ele.

Embora eu ainda fosse muito fraco e ignorante na fé, eu desejava ganhar almas para Cristo. Todo mês colocava em circulação em torno de trezentos folhetos missionários, distribuía muitas mensagens, e escrevia cartas para alguns dos meus antigos companheiros de pecado.

Um professor local mantinha uma reunião matinal de oração a umas poucas milhas de distância, e eu decidi freqüentá-la. Àquele tempo, eu não sabia que ele era um incrédulo. Mais tarde ele me contou que mantinha as reuniões de oração meramente por gentileza a um parente. Os sermões que ia não eram seus, mas copiados de um livro. Ele também me contou que tinha sido impressionado por minha gentileza e que eu tinha sido um instrumento para levá-lo a considerar as coisas de Deus. Desde aquele tempo, passei a conhecê-lo como um verdadeiro irmão no Senhor.

Este irmão me pediu para pregar em sua paróquia porque o idoso clérigo precisava de minha assistência. Eu pensava que aprendendo um sermão escrito por um homem espiritual eu poderia ministrar ao povo, então ajustei o sermão para uma forma adequada e o memorizei.

Passei pelo serviço matinal, mas não me agradou pregar. Decidi pregar o evangelho à tarde e comecei lendo o quinto capítulo de Mateus. Imediatamente quando comecei a ensinar

sobre "Bem aventurados os pobres de espírito", senti a unção do Espírito Santo. Meu sermão pela manhã tinha sido muito complicado para o povo entender, mas agora eles me ouviam com grande interesse. Minha paz e alegria eram grandes, e senti que este era um trabalho abençoado.

Na viagem de volta a Halle, pensei: "Este é o modo que eu gostaria sempre de pregar." Mas então pensei que este tipo de pregação poderia funcionar com o povo iletrado do campo, mas nunca seria aceito pela assembléia bem educada da cidade. Eu sabia que a verdade deveria ser pregada a todo custo, mas pensava que deveria ser apresentada em uma forma diferente, adequada aos ouvintes. Por algum tempo permaneci indeciso quanto ao estilo de pregação a escolher. Porque eu ainda não entendia o trabalho do Espírito, eu não percebia a impotência da eloqüência humana.

Embora fosse regularmente à igreja quando eu mesmo não pregava, eu raramente ouvia a verdade porque não havia nenhum clérigo iluminado na cidade. Quando o Dr. Tholuck ou qualquer outro ministro piedoso pregava, eu freqüentemente caminhava dez ou quinze milhas para desfrutar o privilégio de ouvir a Palavra.

Em adição à reunião de sábado à noite, eu alimentava minha fé em uma reunião todo domingo à noite com seis outros estudantes crentes. Antes de deixar a universidade, o número havia crescido para vinte. Nestas reuniões, um ou mais irmãos oravam, líamos as Escrituras, cantávamos hinos, alguém exortava o grupo, e líamos alguns escritos edificantes de homens piedosos. Abri o meu coração aos irmãos por oração e encorajamento para ser guardado de retroceder.

Eu crescia na fé e conhecimento de Jesus, mas ainda preferia ler livros religiosos ao invés das Escrituras. Lia tratados, cartas de missionários, sermões e biografias de pessoas cristãs.

Deus é o autor da Bíblia, e somente a verdade nela contida levará as pessoas à verdadeira felicidade. Um cristão deveria ler este precioso livro todos os dias com resoluta oração e meditação. Mas como muitos crentes, eu preferia ler as obras de homens não inspirados ao invés dos oráculos do Deus vivo. Conseqüentemente, permanecia um bebê espiritual, tanto em conhecimento quanto em graça.

O último e mais importante meio de crescimento no Senhor — a oração, também era algo que eu grandemente negligenciava. Eu orava freqüentemente e geralmente com sinceridade. Mas se eu tivesse orado mais resolutamente, eu teria feito progresso muito mais rápido em minha fé. A despeito de minha lentidão para reter princípios espirituais, Deus mostrou sua grande paciência para comigo e me ajudou a crescer de modo estável Nele.

Capítulo Três

Começando a carreira no ministério

Dr. Tholuck me informou que a Sociedade Continental na Inglaterra pretendia enviar um ministro a Bucareste para ajudar um irmão idoso no trabalho do Senhor. Após considerar e orar, ofereci meus serviços. A despeito de minha fraqueza, eu tinha um grande desejo de viver inteiramente para Deus. Inesperadamente, meu pai me deu o consentimento, embora Bucareste ficasse a mil milhas de distância.

Eu agora me preparava para a obra do Senhor com diligência, e ponderava os sofrimentos que poderiam me esperar. Eu havia servido completamente a Satanás, mas agora, movido pelo amor de Cristo, estava desejoso de sofrer aflições pela causa de Jesus. Orava resolutamente sobre meu futuro trabalho.

No fim de outubro, Herman Ball, o missionário entre os judeus poloneses, disse que sua saúde cedo o forçaria a deixar seu trabalho. Quando ouvi isto, senti um forte desejo de tomar seu lugar. A língua hebraica de repente se tornou estimulante para mim, embora, anteriormente, a tivesse estudado meramente por um senso de responsabilidade. Agora eu estudava por muitas semanas com entusiasmo e prazer.

Enquanto ainda desejava tomar o lugar do irmão Ball e me dedicava em aprender hebraico, fiz uma visita ao Dr. Tholuck. Sem conhecer meus pensamentos, de repente ele me perguntou se eu já tinha tido o desejo de ser um missionário entre os judeus. Ele era um agente da Sociedade Missionária de Londres para a promoção do cristianismo entre eles. Fiquei

espantado com sua pergunta e contei o que estivera em minha mente pelas últimas várias semanas. Acrescentei que não seria apropriado considerar qualquer outro serviço porque eu já havia concordado em ir para Bucareste. Ele concordou.

Quando cheguei em casa, entretanto, nossa conversa queimava como fogo dentro de mim. Na manhã seguinte, todo meu desejo de ir a Bucareste se foi. Isto me pareceu muito errado e carnal de minha parte, e implorei ao Senhor que restaurasse meu primeiro desejo de trabalhar lá. Ele graciosamente o fez quase imediatamente. Entrementes, meu fervor e amor no estudo do hebraico continuaram.

Em torno de dez dias depois, Dr. Tholuck recebeu uma carta da Sociedade Continental. Por causa da guerra entre os turcos e os russos, eles decidiram não enviar um ministro a Bucareste, uma vez que era o centro da guerra. Dr. Tholuck me perguntou de novo o que eu pensava sobre me tornar um missionário entre os judeus. Após oração e consulta a irmãos espiritualmente maduros, concluí que deveria me oferecer à sociedade. Deixando meu futuro com o Senhor,

Dr. Tholuck escreveu à sociedade em Londres e recebeu uma resposta em poucas semanas. Eles tinham algumas questões para mim e a minha aceitação dependia das minhas respostas satisfatórias. Após responder a esta primeira comunicação, recebi uma carta de Londres. O comitê decidiu tomar-me como um estudante missionário por seis meses de experiência, contanto que eu pudesse chegar a Londres.

Um obstáculo permanecia no caminho de minha partida do país. Todo homem da Prússia era obrigado a servir três anos como soldado, mas aqueles que terminaram seus estudos na universidade deviam servir apenas um ano. Eu não poderia obter um passaporte para fora do país até que tivesse servido por meu tempo ou sido liberado pelo próprio

rei. Esperava que a última opção fosse o caso. Era um fato bem conhecido que aqueles que tinham se dedicado ao serviço missionário sempre tinham sido liberados. Certos irmãos cristãos influentes que viviam na capital escreveram ao rei. Ele respondeu que o assunto deveria ser tratado pelos oficiais do governo, e nenhuma exceção foi feita a meu favor.

Meu principal assunto agora era como obter a liberação do serviço militar e obter um passaporte para a Inglaterra. Mas quanto mais eu tentava, maior parecia ser a dificuldade. Na metade de janeiro, tive a impressão de que minha única possibilidade era tornar-me um soldado.

Um caminho ainda não havia sido tentado — era o meu último recurso. Um major do exército era cristão e tinha um bom relacionamento com um dos principais generais. Ele propôs que eu iniciasse o processo para entrar no exército. Como eu ainda fosse muito fraco fisicamente por causa de uma enfermidade anterior, eu poderia ser considerado inapto para o serviço militar.

Eu creio que o Senhor permitiu que as coisas acontecessem deste modo para me mostrar que meus amigos seriam incapazes de obter um passaporte para mim até que Ele estivesse pronto. Mas agora o tempo havia chegado. O Rei dos reis pretendia que eu fosse à Inglaterra porque lá Ele faria de mim uma bênção, a despeito de eu não ter valor algum. Quando a esperança havia quase acabado, e quando o último plano havia sido tentado, tudo começou a cair no seu devido lugar. Os médicos me examinaram e declararam que eu era inapto para o serviço militar. O general chefe mesmo assinou os papéis, e eu consegui uma completa dispensa por toda a vida de qualquer serviço militar.

Cheguei à Inglaterra fisicamente enfraquecido e logo fiquei muito doente. Na minha estimativa a recuperação estava

fora do alcance. Mas, quanto mais fraco ficava no corpo, mais feliz ficava no espírito. Cada pecado que havia cometido foi trazido à mente, mas eu percebi que fora lavado e feito completamente limpo no sangue de Jesus. Esta percepção me trouxe grande paz, e desejei morrer e estar com Cristo.

Quando meu médico chegou para me ver, minha oração era: "Senhor, tu sabes que ele não sabe o que é melhor para mim. Portanto, por favor, dá-lhe direção." Quando tomava remédio, orava: "Senhor, tu sabes que este remédio não é mais que um pouco de água. Agora por favor, Senhor, permita que produza o efeito que seja para o meu bem e para Tua glória. Permita que eu seja levado logo ao paraíso, ou que seja restabelecido. Senhor, faz comigo o que achares melhor!"

Após estar doente por duas semanas, minha saúde começou a melhorar. Alguns amigos me aconselharam a ir ao campo por causa do ar fresco. Quando perguntei ao médico, ele disse que era a melhor coisa que eu poderia fazer. Alguns dias depois, parti para a pequena cidade de Teignmouth.

Eu tinha muito tempo para estudar a Bíblia enquanto me recuperava. Durante esse tempo, Deus me mostrou que somente Sua Palavra é nosso padrão de julgamento em coisas espirituais. A Palavra pode ser explicada somente pelo Espírito Santo, que é o professor do Seu povo. Eu não tinha entendido o trabalho do Espírito de um modo prático antes daquele tempo.

Aprendi que o Pai nos escolheu antes da fundação do mundo. Ele gerou o maravilhoso plano de redenção, e Ele também arranjou o meio de trazê-lo à luz. O Filho cumpriu a lei e suportou o castigo devido aos nossos pecados, satisfazendo a justiça de Deus. Finalmente, somente o Espírito Santo pode nos ensinar sobre nosso estado de pecado, mostrar-nos a necessidade de um Salvador, capacitar-nos a crer em Cristo, explicar-nos as Escrituras e ajudar-nos a pregar a Palavra.

O Senhor me possibilitou testar esta última característica do Espírito Santo quando deixei de lado meus comentários e quase todos os outros livros, e simplesmente comecei a ler a Palavra de Deus. Aquela primeira noite quando me tranquei no meu quarto para meditar nas Escrituras e orar, aprendi mais em umas poucas horas do que durante os últimos vários meses.

Após meu regresso a Londres, decidi fazer algo para ajudar meus irmãos no seminário. Sugeri que nos encontrássemos todas as manhãs de seis às oito para orar e ler as Escrituras. Após a oração da noite, minha comunhão com Deus era tão doce que eu podia continuar orando até após a meia-noite. Então eu ia ao quarto de um irmão, e juntos orávamos até uma ou duas da manhã. Mesmo então, algumas vezes eu estava tão cheio de gozo que não podia dormir. Às seis da manhã, chamava os irmãos e de novo orávamos juntos.

Após estar em Londres por dez dias e estar confinado em casa por causa dos estudos, minha saúde começou a declinar outra vez. Decidi interromper o gasto da pouca energia que eu tinha com estudos e trabalhar para o Senhor. Escrevi à sociedade missionária e pedi que me enviassem imediatamente. Eles não enviaram resposta, mas continuaram a me sustentar enquanto eu estudava.

Após esperar seis semanas, e neste intervalo buscar trabalhar para o Senhor, ocorreu-me que deveria começar a trabalhar entre os judeus em Londres, tendo ou não o título de missionário. Distribuía mensagens entre os judeus e os convidava para conversar comigo sobre as coisas de Deus. Pregava a eles nos lugares em que se reuniam e lia as Escrituras regularmente com aproximadamente cinqüenta meninos judeus. Eu tive a honra de ser rejeitado e maltratado pelo nome de Jesus. O Senhor me deu graça, entretanto, e nunca

me afastei do trabalho por qualquer perigo ou perspectiva de sofrimento.

Ao fim de 1829, comecei a ter dúvidas se era certo para mim ser sustentado pela Sociedade de Londres. Parecia-me ser contrário às Escrituras um servo de Cristo se colocar sob o controle e direção de qualquer um além do Senhor. A Sociedade e eu trocamos cartas sobre este assunto e, em completa gentileza e amor, dissolvemos nossa relação. Eu era agora livre para pregar o evangelho onde quer que o Senhor abrisse o caminho.

Em dezembro, hospedei-me com alguns amigos cristãos que viviam em Exmouth. No segundo dia após a minha chegada, um irmão me disse: "Eu tenho orado há um mês para que o Senhor faça alguma coisa em Lympstone, uma grande paróquia onde há pouca luz espiritual. Creio que você teria permissão para pregar lá." Pronto para falar de Jesus onde quer que o Senhor abrisse uma porta, e desejando ser fiel às verdades que Ele me ensinou, aceitei a sugestão. Obtive facilmente permissão para pregar duas vezes no domingo seguinte.

Deus abençoava-me e encorajava-me à medida que trabalhava pelo Seu Reino. Comecei a ser sensível ao Seu Espírito. Ele me ensinava a estudar e me revelava mais de Sua Palavra. Mais oportunidades de pregar surgiram, e alegrava-me servir ao meu Senhor Jesus Cristo.